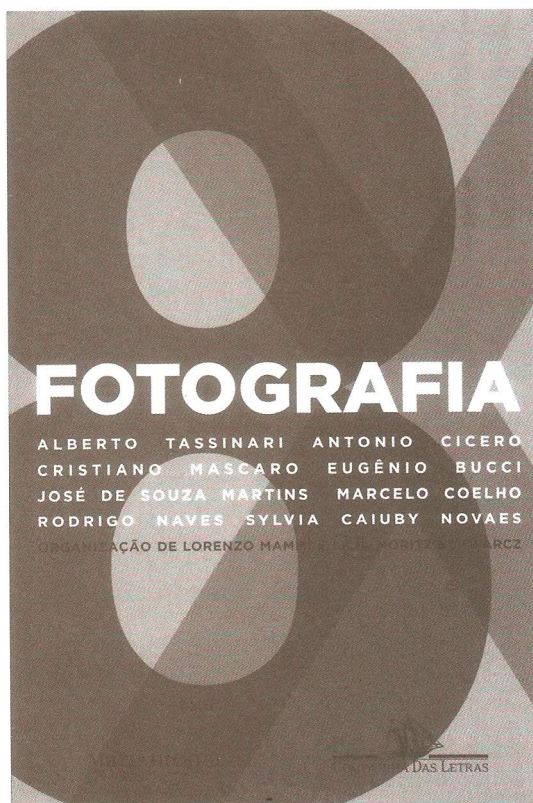


MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *8 X Fotografia: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 183 p.

Zueleide Casagrande de Paula

Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Autora do livro *A cidade e os jardins. Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.



Recebido em: 03/09/2008

Aceito em: 03/10/2008

MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) 8 X Fotografia: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 183 p.

Em tempos de predominância do visual e do virtual a fotografia ganhou outro lugar no debate acadêmico. Outrora entendida como registro documental e objetivo, ocupa hoje um lugar que encerra em si subjetividade, reflexão, questionamento e arte. Possibilita diálogos entre imagens e para além delas, suas representações tracejadas como documentos históricos e de memória, de sensibilidade e como objeto de arte, estão contidos em "8 X fotografia" que traz essa contribuição para o campo do conhecimento. O livro foi organizado pelo crítico de arte Lorenzo Mammi e pela antropóloga Lilia Schwarcz, apresenta ensaios produzidos a partir de um seminário acerca do tema, promovido no Centro Comunitário Maria Antonia, da Universidade de São Paulo em 2004. Os oito ensaios versam sobre as muitas possibilidades que a imagem fotográfica proporciona, além de apresentar um estreito diálogo com a filosofia, a política, a arte e os lugares de memória. Propõe-se a abordar, de acordo com os autores, a profusão do discurso que cria representações, teorias e indica realidades. Publicado em 2008, pela editora Companhia das Letras, a obra é mais um libelo, na contribuição dos estudos dos domínios da imagem.

O primeiro dos oito ensaios aborda a análise do crítico de arte Alberto Tassinari, acerca da imagem produzida por Henri Cartier-Bresson, intitulada, "O instante radiante", cujo registro trás em acordo a escada, a bicicleta e o ciclista. O que os

distancia de uma imagem comum é o movimento que esta composição adquiriu. A narrativa a respeito da imagem destaca a poética do deslocamento, o giro, o movimento da luz, presentes sem se dizer presentes. Imagem que nos conduz para o campo analítico e persuasivo das profundas reflexões como o demonstra o autor do texto: O instante radiante é abordado como uma colagem, representação simbólica que traz para si a idéia de movimento, de instantâneo, de fluidez e que remete à arte baudelariana que marcou o século XIX, e foi, de acordo com Tassinari, caracterizada para a fotografia de Cartier-Bresson. É o instante grafado na imagem e que dela não se desgruda. Para o autor da análise, é a proposta do artista, ver a arte dentro da arte, através da câmera fotográfica que usou. Destaca a relevância do trabalho de Cartier-Bresson acerca do uso de um tipo característico da representação: a imagem como arte em preto e branco que marcou a obra e uma época. É a fotografia como instantâneo no momento do clique do artista, e depois, na revelação e ampliação, quando se expressa o simbólico e o próprio instantâneo como surpresa no olhar, é o mundo do movimento promovido na obra pelo artista. Tassinari aborda a imagem de Cartier-Bresson em sua condição de documento reflexivo, em sua condição de arte, ao debatê-la na perspectiva comparativa à pintura, destacá-la em sua grandeza simbólica, na singularidade do que a compõe, mas aponta-a, também, no campo

mercadológico quando menciona esse caráter, sem deixar de alertar que para Cartier-Bresson, as diferenças sempre estiveram presentes. Até mesmo o homem é mercadoria, como um feitiço. É um feitiço como aquele que marca o dinheiro, “mas como não há moeda de troca, tudo é pego apenas no seu relacionar. O que há em comum é a potência sensível e expressiva de coisas e homens postos em relação. A escada é uma bicicleta. A bicicleta é uma escada”. (p.27)

O segundo ensaio produzido por outro crítico de arte é de Rodrigo Naves, sobre a imagem de André Kertész “O silêncio do mundo”. O autor optou por essa fotografia que consta de um livro de bolso publicado nos Estados Unidos em 1971. Há várias fotografias além da que será analisada, mas, Naves chama a atenção do leitor, exatamente para esse fato, são as inúmeras imagens produzidas por Kertész, de pessoas voltadas para a prática da leitura, manifestação está que na narrativa se mistura com a própria imagem analisada, em um jogo de imagens ora produzidas por Naves ora por Kertész. Esta dança de imagens espreitadas e produzidas pela narrativa, resulta num caminho leve, conduz o leitor ao mundo mágico da imaginação de ambos e da arte da fotografia. O silêncio do mundo que Naves apresenta é o silêncio do mundo de Kertész, essa simbiose de imagens-texto, texto-imagens, esse estar fora e dentro do foro íntimo da imagem, é para Naves, o desafio apresentado por Kertész: “a questão está em conseguir uma significação razoavelmente precisa, que traga novamente à superfície aquilo que só a ela pertence, ainda que seja típico da sua poética manter uma relativa tensão entre o visível e o invisível”(p. 53).

David Hockney é outro artista cuja obra está em análise e a imagem escolhida é

Pearblossom Hwy. O ensaísta e poeta, Antonio Cícero se dispõe a apontar quanto de arte há na fotografia e de artista no fotógrafo. Compara a fotografia a uma pintura em tela, para nos dizer que as diferenças são expressas no tempo. O tempo da elaboração de uma e de outra, o tempo da captura da imagem por um e por outro. O autor traz essa percepção pra o campo da poética na literatura e na música, conclama a presença de não menos que Marcel Proust e João Cabral de Melo Neto para dizer que há uma poesia que procura a poesia e outra que encontra a poesia e o mesmo ocorre com a fotografia. Estes ilustres vêm para Cícero a apresentar sua tese sobre a produção da arte, já que nela se encerra o tempo. Há, do ponto do autor, inspirações intrincadas no processo criativo do qual o artista não consegue se despir, mas, a arte de Hockney permite abordá-las. Essa condição de criador e produtor de uma obra que aparece no resultado final da arte e que atrai o admirador horas, como uma obra de Rembrandt, cuja contemplação está na tentativa de capturar o tempo, tempo este que a fotografia não apreende, podem ser encontrados nas colagens de Hockney, na ambigüidade da rejeição e interação cubista que suas fotografias podem assinalar.

A quarta imagem revelada pela análise é “Meu pai, meu irmão e o tempo”, põem em questão não a arte, mas os significantes e significados da fotografia como representação, fluxo e refluxo da imagem documental, como a traduz Eugênio Bucci, em Álbum de Família. A abordagem deste jornalista destaca o tempo como lugar comum da imagem, da memória, da sensibilidade que encerra e fixa a imagem onírica próxima ou distante, no passado ou no presente, mas que permite inúmeras narrativas. O destaque está na insurgência da imagem como narrativa

temporal que tencionada pelo uso social, transcendeu a esfera do álbum de família para a imagem do espetáculo, tornou-se invasiva do presente para o passado e para o futuro, criando uma outra idéia de tempo, não é mais cronológica, é reverberante como presente contínuo, como espetáculo que traga os fragmentos fotográficos em deslocamentos. Bucci aponta o sentido da fotografia: são fragmentos de tempo, são migalhas de lembranças ligadas à afetividade, ou nada dizem, perderam a condição de registros históricos. Sua compreensão aponta a fotografia provida de esvaziamento frente à digitalização e despida do corpóreo. Sua identidade não pode mais ser estabelecida a partir das bases anteriores, como registro histórico datado e identificado no laboratório, na era digital, essa confiabilidade se pauta na credibilidade da fonte e do veículo de circulação. Contudo, Bucci, não deixou em sua análise, de chamar para o debate seus interlocutores preferidos na figura de Walter Benjamin e o pintor Frans Post, para nos dizer que a fotografia tem o poder de dividir o olhar do fotógrafo entre a arte e compaixão. Um frente ao momento mágico da obra, outro frente à temporalidade dura do real, um entre a materialização da "pintura" fugaz o outro frente à humanização do retratado. Entre eles: o tempo. O tempo do retrato de família, o tempo da escolha, do silêncio, da captura, e o tempo da reverberação, da digitalização, do espetáculo.

Walker Evans é o quinto retratado nesta obra. Seu trabalho é um dos mais importantes do século XX. O sociólogo, colaborador da Folha de São Paulo Marcelo Coelho, foi convidado a analisar uma de suas produções. Inicia a partir da carreira do fotógrafo marcada pela produção das imagens capturadas durante a depressão dos anos trinta, na sociedade rural norte-americana. Para Coelho

as imagens produzidas por Evans podem ser entendidas, durante esse período, como grandes produções literárias comparadas "As iras da vinha" de Steinbeck, a algumas produções cinematográficas de John Ford ou a quadros de Edward Hopper. As capturas feitas por Evans produziram imagens memoráveis para o imaginário dos norte-americanos acerca da ocupação e do trabalho agrícola naquele país, como por exemplo, nos rostos de meeiros do plantio de algodão do Alabama. Coelho aproxima essas imagens de outras produzidas no universo brasileiro, referentes ao mesmo tema, aponta o realismo estético do artista. Destaca a influência de James Agee, de Eugène Atget e de Paul Strand, na obra de Evans. Chama a atenção para seus registros diretos pautados em imagens do cotidiano do trabalho, em dizeres de cartazes de frutarias, de outdoors, do desenho popular e das placas, que na opinião de Coelho, apontam uma ironia fina. A escolha da obra desse fotógrafo para sua análise, se pauta no tema de suas produções. Coelho quer analisar a estética dos cartazes e ruas, pois este é seu universo de interesse. Sua opção objetiva abordar a palavra e a coisa no estudo da linguagem na fotografia. A conexão entre essas duas representações acompanha sua análise. Ao finalizar destacou a relevância não da imagem em registro, mas, da possibilidade que a imagem revela no que está por desvendar e conectar na relação entre imagem, lugar, palavra e olhar de captura do fotógrafo, pois isso diz mais sobre o que não está na imagem por meio da imagem contida na fotografia.

Sylvia Caiuby Novaes analisa duas fotografias de sua autoria, em cujo foco, está a aldeia Bororo dos Tadarimana em Rondonópolis, no Mato Grosso, clicadas em 1985. A proposta de Novaes e tratar da "imagem e memória" em sua eloquência.

Expõem nas fotografias o tríduo final de um funeral e o ritual que o marca, assim como, a relevância do contexto da imagem. Chama a atenção para a fotografia no universo da ciência e, em seu caso, como uma aliada para a análise dentro do escopo teórico da antropologia, contudo, alerta que a fotografia não a desperta como documento, mas como um registro de sensibilidades que a etnografia não permite fazê-lo. Em sua análise trafega pelo universo darwinista para dizer dos gestos e sensibilidades que os silêncios produzem em sociedades como as dos Bororos, mergulha no século XIX para destacar o quanto o debate acerca das expressões do corpo poderiam falar das emoções, remete-se a Aby Warburg que estudou pintores como Botticelli e Ghirlandaio para dimensionar esse universo das emoções, e dos silêncios que as imagens conseguem expressar. Aponta o ritual final do funeral na comunidade, como uma catarse coletiva, descreve-o em seus detalhes, levando ao detalhamento, à idéia da imagem e à sua relevância para os estudos antropológicos no âmbito da captura dos sentidos que a etnografia não possibilita. Mas conclui, as imagens podem fazer falar tanto, como neste caso, em que as duas fotografias permitiram a construção de uma narrativa crescente, levando o leitor a desvendar o universo Bororo, no tríduo final de um funeral.

A penúltima análise destaca a fotografia de Sebastião Salgado, feita por José de Souza Martins, ambos engajados nas lutas ligadas aos conflitos de terras e movimentos sociais. A fotografia intitulada "Fazenda Giacometti, Paraná de 1996", foi analisada no texto intitulado por Martins de "A epifania dos pobres da terra". O autor chama a atenção para a impossibilidade de separar arte e documento quando se trata de fotografia, contudo, tenha destacado que Salgado faz questão de dizer que suas imagens são

denúncias do social e não arte. Para tentar abordar a questão da arte e do documento, principalmente, do documento que se refere a questões sociais, Martins remete a Guernica, uma pintura de Picasso, que durante muito tempo foi símbolo de denúncias e manifestações da violência promovida pela guerra. Dessa forma a imagem retratada por Salgado aponta uma invasão, nas palavras de Martins. Aponta a quase impossibilidade desse fotógrafo de ter tido contato com a marcha retratada como aparece no registro fotográfico, questiona ter sido Salgado, posto no lugar para registrar essa tomada da fazenda, de forma tão forte e marcante como aparece na imagem. Salienta que esse é um fenômeno urbano, e afirma: "Salgado é, portanto, a primeira incógnita dessa fotografia". Martins aponta essa imagem em contraposição ao que fez Cartier-Bresson que joga na imagem a "probabilidade imaginária" revela o surreal da realidade. Ao passo que na imagem de Salgado o "momento é fingido" (p.140). Essa comparação entre Salgado e Cartier-Bresson assinala posições e formas diferenciadas de abordagens políticas em suas manifestações artísticas. A fotografia da perspectiva apontada por Martins em relação a Salgado, esvazia o fato histórico para torná-lo representação. Finalizando, Martins pergunta, quem se antecipou à entrada triunfal dos trabalhadores rurais? E afirma, há uma câmera diretora da cena e um *punctum* que rege não só a leitura da cena, mas também sua contra-leitura, revela além do que o fotógrafo quer revelar.

A última imagem analisada trata de uma fotografia não autorizada por seu autor. A fotografia é *Bar, New York City* e seu autor é Robert Frank. Para tanto os autores deste livro convidaram Cristiano Mascaro, fotógrafo profissional, professor universitário. Trabalhou como fotógrafo da revista *Veja* e publicou livros

acerca de temáticas que envolvem imagens urbanas. A fotografia é parte de um livro que não encontrou eco nas editoras americanas, embora tenha sido publicado na França como título *Les américains*. A publicação francesa revela, por meio de 8 x fotografia, uma América que o próprio Frank não suponha existir, pois o clima das imagens é opressivo. Mascaro, aponta também, como o artista revela seus próprios conflitos na referida imagem e finaliza dizendo que não poderia deixar de sentir respeito pela obra de Frank, pois as imagens simples e potentes têm o poder de “construir e reconstruir o mundo”

O livro 8 X Fotografia, apresenta uma leitura informativa, instigante e poética acerca da imagem fotográfica, mas não é tudo. Sinaliza para a complexidade que envolve os estudos a respeito da imagem, da fotografia, para além dos domínios das artes e da linguagem, pois infere sobre nosso lugar no mundo. Ao tratar desse lugar trata da condição humana e nos leva a compreender que a fotografia pode ser um dos meios e formas de manifestar e o ser humano, de exercer a liberdade criativa, a poética da linguagem, a sedução da arte, a cidadania enfim, na sociedade contemporânea.